

## LOCAL

# Azulejos, mármore, caixas de luz revelados no primeiro AsSalto

Iniciativa que pretende revelar edifícios anónimos mas repletos de história arrancou ontem no Porto. E muitos cederam à curiosidade de espreitar o que até agora tem estado escondido atrás de portas fechadas

**Porto**  
Patricia Carvalho

Mónica anda de papel e lápis em punho, procurando superfícies em relevo para decalcar. Fábio instalou-se num banco baixo, voltado para uma janela com três vidraças que mostram as folhas amareladas de uma das árvores da rua. Paul escreve palavras largas no caderno que traz consigo. Aos poucos, recorrendo a diferentes suportes, o interior do n.º 605 da Rua de Sá da Bandeira, no Porto, vai ficando registado. Está em curso o primeiro AsSalto.

As portas do prédio dos anos 40 do século XX abriram-se ao meio-dia, como previsto, e os primeiros participantes na actividade, nascida no âmbito do projecto *A Coleção de Desenhos. Escola de Arquitectura do Porto*, do Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), são recebidos no átrio pelos doutorandos Carlos Machado e Moura e Rui Neto, dois dos mentores do AsSalto, em conjunto com a professora auxiliar de Desenho da FAUP, Noémia Herdade Gomes, que surge pouco depois, do interior do prédio.

Rui Neto traça as linhas gerais que vão gerir a tarde. Que não tenham pressa, porque o objectivo é desenhar ou escrever sobre o que vão encontrar, e isso precisa de tempo, saboreando a descoberta. Que não se preocupem com a qualidade, porque ninguém vai em busca de excelência, mas apenas de um registo pessoal que preserve a memória do que experimentam. “Queremos dar protagonismo a edifícios que de certa forma são anónimos, passam despercebidos”, sintetiza. Noémia frisa: “Isto não é um *open house*. Produzam algo, porque gostávamos de publicar os vossos trabalhos”, diz, antes de todos se fazerem às escadas, em busca das portas abertas nos 3.º e 4.º pisos.

Os primeiros participantes circulam pelas várias salas do que já foi um piso de escritórios – o 3.º andar – e que será agora transformado em apartamentos. Há quem ensaie umas fotografias com o tele-



Ontem passaram entre 50 e 60 pessoas pelo edifício da Rua de Sá da Bandeira



Um dos desenhos dos espaços feitos pelos visitantes

**“É uma oportunidade de ver espaços interiores a que geralmente não temos acesso”**

móvel, apesar de Noémia ter avisado que preferia que não o fizessem, e quem faça perguntas sobre o prédio mandado construir pelo empresário Delfim Ferreira.

É só quando chegam ao apartamento 4.º Direito que os participantes se soltam. Inês Amorim, a proprietária do prédio, que permi-

quero conhecer melhor a cidade”.

Neste primeiro edifício a receber um AsSalto diz-se surpreendido com as caixas de luz interiores e com as escadas de apoio traseiras, “pela modernidade”, diz. Além disso, ele, que é de ascendência inglesa e que se lembra do palacete dos avós, antes do edifício ser transformado nos anos 50, reaviva neste apartamento velhas memórias. “Há aqui alguns elementos em que me revejo”.

Fábio Fonseca, de 19 anos e estudante da FAUP, preferiu o sossego de um dos escritórios ao fundo do corredor do 3.º piso. É lá que se instala, voltado para a janela. “Projectos como este são muito interessantes, já tivemos outras experiências do género e gostei bastante, porque envolvem edifícios que não vão voltar a ser os mesmos. Acho importante captar a essência dos edifícios, dando a conhecer às pessoas como eles eram antes da mudança”, diz. Escolheu aquele canto, explica, porque gostou “da maneira como a janela emoldura a paisagem lá fora”.

A iniciativa AsSalto começou ontem no Porto e deverá repetir-se, sem calendário pré-definido, noutros espaços na cidade ou fora dela. O nome, como explicou Carlos Machado e Moura, remete para a ideia de um abrir de portas que geralmente estão fechadas, mas também de um assalto à memória e ao imaginário. Mas estes “assaltos” só acontecem com o consentimento dos proprietários e Inês Amorim é mesmo quem se mostra mais entusiasmada. “Acho importantíssimo que se faça isto, porque está-se a acabar tudo, nunca mais temos memória destas atmosferas. Espero que se faça em mais sítios, porque há muitos que vão acabar por desaparecer”, diz.

As obras começam no próximo mês e Inês Amorim diz que irá tentar preservar o máximo possível da estrutura original.

Quando as portas se fecharam ao primeiro AsSalto, entre 50 e 60 pessoas tinham passado pelo local. O próximo será anunciado na página da iniciativa, em [assalto.pt](http://assalto.pt).

[patricia.carvalho@publico.pt](mailto:patricia.carvalho@publico.pt)